

**YOSHIOKA, Reimei. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.**

Denise Cristina Bomtempo<sup>7</sup>

Nesta obra o autor procura fazer reflexões referentes à migração japonesa *do e para* o Japão, nos diferentes momentos históricos, bem como analisar as causas e consequências que levaram a esse processo migratório, de japoneses para o Brasil e de brasileiros descendentes de japoneses e seus cônjuges para o Japão.

Para tanto, sua obra encontra-se estruturada em seis capítulos, incluindo Introdução e Considerações Finais.

Na Introdução o autor afirma que a migração está presente em toda história da humanidade, desde os seus primórdios; o que muda são as formas como ela ocorre, dependendo das relações econômicas e sociais de cada momento histórico. A migração, num primeiro momento, obedece aos limites naturais, logo, através do desenvolvimento tecnológico, a migração passa a se intensificar. Como exemplo, tem-se a imigração européia e asiática para os países subdesenvolvidos, entre os quais se encontra o Brasil. Atualmente, presencia-se um novo tipo de migração, os seja, os países que no passado foram receptores, hoje são exportadores de mão-de-obra para os países desenvolvidos. Entre esses migrantes encontram-se os *dekasseguis*<sup>8</sup>, que são os brasileiros descendentes de japoneses e seus cônjuges que migram para o Japão a fim de trabalhar como operários nas fábricas e em setores de prestação de serviços, desempenhando tarefas que não exigem mão de obra qualificada.

No Segundo Capítulo, que tem como título *A imigração para as fazendas de café no Estado de São Paulo*, o autor faz uma abordagem da imigração como um fato consequente da falta de mão-de-obra para as lavouras cafeeiras, em substituição aos escravos. Os primeiros imigrantes que chegaram no Estado foram os europeus, os asiáticos chegaram no Brasil já no início do século XX, mais precisamente no ano de 1908. Um dos fatores que ocasionou essa migração tardia foi o "medo" que os fazendeiros tinham dos japoneses não se adaptarem ao modo de vida brasileiro, pois isso já havia ocorrido nos Estados Unidos.

Os japoneses passaram a trabalhar nas lavouras de café juntamente com os imigrantes europeus que já residiam nas fazendas. Muitas foram as dificuldades encontradas pelos primeiros imigrantes japoneses, entre elas a adaptação ao novo

<sup>7</sup> Aluna do Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP - Presidente Prudente, membro do GAsPERR - Grupo Acadêmico de Produção do Espaço e Redefinições Regionais, Bolsista do PIBIC/CNPq, orientada pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito. E-mail: [d\\_bomtempo@zipmail.com.br](mailto:d_bomtempo@zipmail.com.br)

<sup>8</sup> A palavra *dekassegui* é um neologismo: *de* é parte integrante do verbo *deru* que, em japonês, significa *sair*, e *kassegui*, significa *trabalho remunerado*. Então seu significado real é: *sair do lugar onde mora para trabalhar com remuneração*.

modo de vida, tendo que sobreviver em acomodações precárias, sem assistência médica e também com a alimentação diferente da culinária asiática. Por outro lado a remuneração não era o que os imigrantes esperavam.

A condição de vida precária e a falta de remuneração equivalente ao trabalho realizado, foram fatores determinantes que ocasionaram revoltas entre os imigrantes japoneses, fazendo com que eles procurassem outras formas de sobrevivência, muitas vezes do lado de fora das cercas das fazendas.

Diante desse quadro, os fazendeiros de café do Estado de São Paulo, que possuíam um domínio político na época, fizeram intervenções junto às Companhias de Colonização Japonesas, com o objetivo de estabelecer núcleos coloniais de imigrantes. Foi essa uma alternativa encontrada para amenizar mas não resolver os problemas desses imigrantes.

No Terceiro Capítulo, intitulado de *A Rikko Kai e o Bairro das Alianças*, o autor procura analisar a colônia japonesa do Bairro das Alianças, localizada no Município de Mirandópolis, que faz parte da micro-região geográfica de Araçatuba, no estado de São Paulo. Essa colônia formou-se com o auxílio financeiro do Governo Japonês, que pagou as passagens e adquiriu cerca de 200 alqueires, que foram desmembrados em lotes financiados para os imigrantes japoneses.

O Bairro das Alianças recebeu um número expressivo de imigrantes japoneses, que se organizaram em colônias e posteriormente montaram cooperativas agrícolas, a fim de poderem se inserir no mercado e assim terem a possibilidade de garantir sua reprodução econômica e social.

Um ponto que merece ser destacado é em relação ao grau de escolaridade dos descendentes de japoneses dos bairros da Primeira, Segunda e Terceira Alianças, sendo a questão educacional de extrema importância no interior das colônias japonesas em geral.

No Quarto Capítulo, *A atuação do Governo e do Capital privado no processo migratório*, o autor procura centrar a discussão na temática referente ao processo e atuação do governo e do capital privado, representado pelos fazendeiros da época, influenciando a imigração japonesa.

O autor procura analisar dentro do processo migratório, a situação do país fornecedor e receptor de mão-de-obra, nos respectivos momentos históricos. No caso europeu, no final do século XIX e início do XX, havia um excedente populacional decorrente do aumento da população em geral e conseqüentemente um excedente de trabalhadores, pois se estava em plena Revolução Industrial. Por sua vez, o Japão era um país dependente do setor agrícola e com insuficiência de terras cultiváveis, nas cidades as atividades no comércio e na indústria não atendiam "a massa" de trabalhadores que estavam sendo desapropriados, pela falta de condições e de terras para se produzir. Uma alternativa tanto para os países europeus como para o Japão era a emigração.

Por outro lado, o Brasil necessitava de "braços" para trabalhar nas lavouras de café o que o tornava um país receptor de mão-de-obra.

Após a Segunda Guerra Mundial, a situação dos dois países (Brasil e Japão) teve uma modificação do ponto de vista do desenvolvimento econômico. O Japão, tentando se reerguer das conseqüências trágicas da guerra, recebe "apoio" dos Estados Unidos, passando a investir no desenvolvimento industrial, tornando-se dependente da mão-de-obra de pessoas de outros países pois sua população não era suficiente para atender os serviços fornecidos pela indústria.

O Brasil, país que recebeu um número significativo de imigrantes japoneses, passa a contribuir para o fornecimento de mão-de-obra, mudando sua posição no processo migratório, deixando de ser um país receptor e passando a ser um país exportador de mão-de-obra. Na década de 80, tem-se início ao movimento de kassegui. Num primeiro momento os japoneses residentes no Brasil têm a possibilidade de migrar como trabalhadores temporários para o Japão. Num segundo momento, os *nisseis* – filhos de japoneses nascidos no Brasil são aceitos para trabalhar no Japão; atualmente até os *sanseis* – terceira geração de descendentes, tem a oportunidade de trabalhar temporariamente nesse país, em serviços que empregam mão-de-obra desqualificada nas indústrias e nos setores de prestação de serviços em geral.

Segundo o autor, existem muitos pontos a serem analisados no movimento de kassegui, entre eles a atuação das *brokers* – empreiteiras que recrutam trabalhadores para o Japão. O mesmo que ocorreu com os imigrantes japoneses no Brasil, no início do presente século, ocorre com os de kasseguis em relação ao comprometimento dessas empreiteiras em pagar corretamente o que está no contrato de serviço, bem como as implicações do ponto de vista cultural – adaptação à sociedade receptora, ocasionando muitas vezes situações de constrangimento e revoltas.

No Quinto Capítulo, *As vicissitudes do de kassegui*, o autor procura caracterizar esse migrante, tentando responder as seguintes questões: Quem são? Qual a origem? Qual a formação? Quanto ganha trabalhando no Japão? Quais os problemas que ele e a família enfrentam? Para a realização de tal trabalho, toma como apoio o CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, com escritórios de atendimento em Tóquio, Nagoya, São Paulo, Curitiba e Presidente Prudente. Essa entidade procura auxiliar os de kasseguis no Japão e os que pretendem migrar, orientando-os em relação ao sistema de trabalho nas empresas japonesas, a atuação das empreiteiras e ao próprio modo de vida na sociedade japonesa, para que não sofram conseqüências desastrosas no tempo que residirem nesse país como migrantes.

O autor faz um fechamento de seu trabalho, procurando mostrar que o movimento migratório *do e para* o Japão, teve motivos econômicos, decorrentes das exigências da reprodução do capital. Atualmente, as fronteiras passaram a ser fictícias, tendo o capital poder de buscar a mão-de-obra seja onde for, em qualquer lugar do espaço geográfico.

Assim, podemos dizer que o movimento de kassegui, que já movimentou cerca de 300 mil pessoas, é um movimento migratório da atualidade, que necessita ser analisado, considerando as transformações que ocorrem no espaço.

---